



Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura

Matrizes e modelos em psicanálise

Autores: Luís Claudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior (com a colaboração de Paulo de Carvalho Ribeiro e Ivanise Fontes)
Editora: Blucher, São Paulo, 2018, 304 p.

Resenhado por: Ana Cristina de A. Cintra¹

Enquanto me via às voltas com a ideia de fazer a resenha deste livro, ouvi numa conversa de jovens que um amigo deles “estava resenhando” alguém, expressão cujo sentido era “flertar”. Ora, isso me pareceu bastante apropriado: escrever uma resenha é como flertar com o texto que se vai apresentar, tornar o conteúdo atraente, fazer um convite a sua leitura. Pois bem, espero conseguir resenhar este livro para vocês.

A obra dos autores, em especial a de Luís Claudio Figueiredo, é bastante extensa. Essa produção demonstra o envolvimento do autor, já há bastante tempo, com a ideia de matrizes, como observamos em *Matrizes do pensamento psicológico* (1991), em que ele aponta a ambiguidade da posição do sujeito e do indivíduo na cultura ocidental contemporânea e a necessidade de submeter a subjetividade a leis, descobrindo-se regularidades que possibilitem seu controle e a coloquem a serviço do domínio técnico da natureza e da reprodução social. Sua relação com a obra de Ferenczi pode ser verificada no livro *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi* (1999), que nos oferece uma leitura minuciosa de *Além do princípio do prazer* e *Thalassa*, com o objetivo de reconstruir a peculiar lógica que vigora no pensamento psicanalítico freudo-ferencziano.

Muitos de seus textos posteriores estão relacionados aos desdobramentos da psicanálise nas últimas décadas do século xx e nas primeiras do século XXI, no que chamamos de *psicanálise contemporânea*.

Reencontrei-me com matrizes nas aulas de xilogravura. Ali, verificava que, embora a matriz reproduzisse o que havia sido gravado, o resultado dependia não apenas dos sulcos feitos pelo gravador, mas também das escolhas

1 Diretora do Ateliescola Acaia. Psicanalista pelo Instituto Sedes Sapientiae. Mestre em psicologia clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutora em psicologia escolar e do desenvolvimento humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade São Paulo (IP-USP).

do impressor. A matriz ser bem entintada, a densidade da tinta, a utilização ou não de mais de uma cor em sobreposição, a impressão ser feita na prensa ou com colher, o papel a ser gravado ter fibra curta ou longa: cada uma dessas variáveis oferecia um produto final diferente.

Consideremos agora o livro que nos cabe resenhar. A introdução, feita pelos autores principais, Luís Claudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior, e o primeiro capítulo, “Preliminares à consideração das matrizes”, escrito por Luís Claudio, me deixaram um pouco aturdida: ali estava realizada, de um modo que não faríamos melhor, a apresentação do livro que tínhamos em mãos. Dessa forma, de meu ponto de vista, é imprescindível tratar dos capítulos iniciais antes de prosseguir com a leitura.

Na introdução, logo nas primeiras linhas, os autores afirmam: as bases da matriz freudo-kleiniana e da matriz ferencziana foram estabelecidas nos anos 1920 e, para as duas matrizes, os adoecimentos psíquicos podem ser universalmente pensados como uma interrupção nos *processos de saúde*. Ao falar em processos de saúde, eles se referem ao exercício livre e eficaz dos trabalhos psíquicos inconscientes e conscientes. A seguir, definem a empreitada do livro. “A cada uma dessas grandes matrizes de adoecimento corresponderá uma estratégia de cura” (p. 9). Para além disso, apontam autores contemporâneos que vieram a formar uma base privilegiada para os projetos transmatriciais.

O presente trabalho pretende, primeiramente, mapear o vasto e complexo campo do pensamento psicanalítico em termos das duas matrizes e dos diversos modelos de adoecimento psíquico nelas identificados; em seguida, pretende considerar os esforços de articulação entre elas nas obras de autores contemporâneos, todos eles apoiados em Winnicott e Bion (com algumas doses de Lacan), embora em dosagens diferentes. (pp. 10-11)

O texto de Freud *Inibição, sintoma e angústia* (1926) é tomado como ponto de ancoragem da matriz freudo-kleiniana, seguido pela apropriação e por contribuições de Melanie Klein, de Anna Freud e dos autores da psicologia do ego, e posteriormente por aportes de psicanalistas freudo-kleinianos, como Herbert Rosenfeld e Wilfred Bion. Já a matriz ferencziana parte dos escritos de Ferenczi, elaborados entre 1927 e 1932, e segue em modelos a ela associados, em autores como Balint, Spitz e Winnicott. Após a exposição das duas matrizes, são apresentados projetos de articulação transmatricial, examinados nas obras de André Green, René Roussillon, Anne Alvarez e Thomas Ogden.

Matriz freudo-kleiniana: adoecimentos por ativação (por Luís Claudio Figueiredo)

Uma característica fundamental da matriz freudo-kleiniana é o fato de centrar toda a problemática dos adoecimentos psíquicos na experiência das angústias, na consideração das “situações de perigo” e nas formas ativas do psiquismo de se defender delas. Assim, os adoecimentos decorrem não das falhas das defesas, mas, ao contrário, de seu “sucesso”: mais angústias são geradas, criando-se um círculo vicioso de compulsão à repetição. Quanto menor o recurso egoico, mais defesas são acionadas e mais maciço é seu uso, *interrompendo-se processos de saúde*. A estratégia clínica precisa se haver com o monitoramento de angústias e defesas, ou seja, desativar angústias e defesas excessivamente ativadas.

Esta parte do livro, como dito antes, analisa com profundidade o texto *Inibição, sintoma e angústia*, mostrando que, embora a angústia seja indeterminada e ocorra na ausência do objeto, é sempre angústia diante de algo. Evidencia a diferença entre a angústia automática, eclodida na situação traumática original, e a angústia-sinal, em que se teme a repetição da situação traumática. Reitera, porém, que todas as angústias acionam mecanismos de defesa.

Melanie Klein, a partir das ideias freudianas de 1926, oferece um primeiro modelo psicanalítico para os adoecimentos não neuróticos, aqueles que decorrem do acionamento precoce e excessivo dos mecanismos de defesa primitivos, mas ainda assim baseados na dinâmica que implica angústias e defesas. Em seus textos da maturidade, Klein sugere que a angústia de morte está na base de todas as demais angústias em situação de desamparo, ou seja, as angústias do nascimento, de separação e de castração seriam sempre reedições da angústia de morte. Ainda mais tarde, abordará as angústias de aniquilação e a emergência das culpas, quando os ataques superegoicos tornam-se predominantes na eclosão dos estados angustiados.

O autor diz que encontramos no pensamento de Melanie Klein, como premissa da matriz freudo-kleiniana do adoecimento psíquico por ativação, o fato de que “haverá sempre do que nos angustiarmos e nos defendermos enquanto estivermos vivos e ativos” (p. 80). A partir de Bion, é possível vislumbrar, como objetivos essenciais do tratamento nos adoecimentos por ativação, a moderação das angústias e a lenta desconstrução das defesas e dos sistemas defensivos.

Por fim, são identificados três vértices clínicos das estratégias de desativação: clínica da continência (Judith Mitrani), do confronto (Howard Levine) e da ausência (Rudi Vermote).

Matriz ferencziana: adoecimentos por passivação (por Nelson Ernesto Coelho Junior)

Apesar de ocupar uma posição suplementar à matriz freudo-kleiniana, a matriz ferencziana se mostra indispensável para pensar modalidades de adoecimento fundadas em traumatismos precoces, experiências de ruptura que produzem a ultrapassagem e uma verdadeira aniquilação das capacidades de defesa e resistência. Traumas precoces evocam no traumatizado uma condição de passividade, de inércia. Em Ferenczi e em todos aqueles por ele inspirados, “a escuta do analista deve ser sensível ao que não é da ordem da defesa ativa e da resistência. ... Abre-se assim o campo da escuta do inaudível, em uma clínica de revitalização” (p. 19).

Segundo o autor deste capítulo, coube a Ferenczi e a Otto Rank a renovação do interesse psicanalítico pela importância do trauma real vivido nos processos de constituição subjetiva. No livro *O trauma do nascimento* (1924), Rank destaca esse trauma como modelo fundamental do afeto de angústia e, numa conferência em Londres (1927), Ferenczi apresenta aspectos importantes de sua noção de trauma precoce e aponta o fato de que a falha dos pais em se adaptar às necessidades da criança tem papel preponderante. Quanto mais precoce o trauma, maior a tendência mórbida.

Em seu *Diário clínico* (1932), Ferenczi ilustra o que estamos chamando de adoecimentos e defesas por passivação: “O caráter insuportável de uma situação leva a um estado psíquico próximo do sono. ... O efeito do choque vai ainda mais longe. ... Sua vida afetiva se refugiara na regressão”; o trauma é entendido como um “choque equivalente a uma aniquilação de si, da capacidade de resistir, agir e pensar com vistas à defesa do si mesmo” (p. 133). Na visão ferencziana, em termos dos traumas vividos por crianças, cabe aos pais, e depois, se for o caso, aos analistas, a tarefa de reconhecer (e não desmentir) o trauma vivido, gerando um ambiente propício para o acolhimento e a transformação do sofrimento.

As contribuições de Michael Balint, tanto no âmbito teórico quanto no plano técnico, foram fundamentais para o desenvolvimento da matriz das formas passivas de adoecimento psíquico: a falha básica; a ênfase dada à regressão; do ponto de vista da técnica, o *new beginning* (o novo começo), que ampliava a importância do objeto – o analista – como forma de reparar as falhas precoces do objeto e do ambiente.

Nelson Ernesto Coelho Junior põe Winnicott lado a lado de seu contemporâneo Balint, como autor fundamental na compreensão dos processos de constituição subjetiva que valoriza o papel do objeto: o fator traumático reside nas falhas ambientais que impedem que as necessidades psíquicas do bebê sejam garantidas. Em casos de traumatismo precoce, o trabalho do

analista seria restaurar a temporalidade da experiência do trauma e do colapso e oferecer suporte (*holding*) à tendência de desintegração. Em vários artigos, Winnicott enfatiza a importância da quietude e da capacidade de estar só (ainda que inicialmente na presença de alguém) e, entre os paradoxos desse autor, um deles diz: “É uma alegria estar escondido, mas um desastre não ser achado” (1965/1990, p. 169).

Nelson afirma que, por sua atenção a experiências psíquicas que remontam a conteúdos que nunca foram conscientes, anteriores à compreensão verbal, e por sua sensibilidade aos aspectos intersubjetivos e empáticos presentes numa análise, Ferenczi é – como dito por André Green – o pai de grande parte da psicanálise contemporânea. Aponta os psicanalistas norte-americanos Harold Searles e Robert Langs como parte dos primórdios de um momento da história da psicanálise em que se reconhecem esforços de complementaridade entre as duas matrizes, o que os poria entre os analistas que compartilham um modo transmatricial de trabalho analítico.

Psicanálise transmatricial: articulação das duas matrizes (por Luís Claudio Figueiredo e Nelson Ernesto Coelho Junior)

A psicanálise contemporânea se esforça para articular uma psicanálise cuja premissa é uma atividade psíquica inesgotável e outra que considera o esgotamento psíquico, sua passividade, seus silêncios e vazios. O pensamento de Bion, oriundo da matriz freudo-kleiniana, e o de Winnicott, de inspiração ferencziana, propiciam essa articulação. O livro apresenta psicanalistas – Ferro, Ogden, Alvarez, Roussillon, Green etc. – que se apropriam desses autores, cada um a seu modo, para construir sua própria teorização; que utilizam as matrizes e imprimem sua marca. Ferro fala explicitamente de “meu Bion”, e Roussillon de “seu Winnicott”. Já André Green diz, com convicção, que “não podemos passar sem uma dessas matrizes se queremos entender os casos-limite ou os casos de sofrimento não neurótico” (1990, p. 22).

Ivanise Fontes e Paulo de Carvalho Ribeiro contribuíram e colaboraram nos anexos deste livro: a primeira situa Pierre Fédida no contexto das duas matrizes; o segundo, recorrendo às propostas de Heinz Lichtenstein, trata da posição singular de Jean Laplanche no contexto das matrizes freudo-kleiniana e ferencziana.

No decorrer do livro, a psicanálise é percebida como *revolução permanente* no âmbito dos tratamentos psicológicos. A obra é rica em referências, revela autores pouco conhecidos, incita à pesquisa. Assim, na matriz freudo-kleiniana, somos remetidos a pensadores freudianos e da psicologia

do ego, ou a eles associados, como a psicanalista holandesa Jeanne Lampl-de Groot e Heinz Hartmann, o qual aborda a neutralização das forças libidinais e, principalmente, o destino da agressividade nas questões do adoecimento e da saúde. Na matriz ferencziana, temos o posicionamento de René Spitz – influenciado pelas ideias do psicanalista húngaro Imre Hermann –, Gutiérrez-Peláez, entre outros.

A escrita do livro retoma sistematicamente o que foi dito antes, seja para enfatizar algo, seja para avançar um pouco mais na discussão. Parágrafos construídos com frases como “Trabalharemos, ao longo de todo o texto”, “No entanto, e já antecipando o que será apresentado detalhadamente adiante” e “Dando início às considerações cabe caracterizá-la mais uma vez” dão a tônica dos capítulos, didáticos, escritos por professores. *Adoecimentos psíquicos e estratégias de cura* não é um livro de cabeceira, mas sim de estudo.

Referências

- Figueiredo, L. C. M. (1991). *Matrizes do pensamento psicológico*. Petrópolis: Vozes.
- Figueiredo, L. C. M. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Green, A. (1990). Les tournant des années folles. In A. Green, *La folie privée* (pp. 11-39). Paris: Gallimard.
- Winnicott, D. W. (1990). *The maturational process and the facilitating environments*. London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1965)

Ana Cristina de Araújo Cintra
Rua Doutor Avelino Chaves,105
05318-040 São Paulo, SP
Tel.: 11 97372-4141
cintracamargo@gmail.com